

GUERRA DO PARAGUAI – AS VISÕES DO CONFLITO NA IMPRENSA DO RIO GRANDE DO SUL (1865-1870)¹

PARAGUAY WAR – VIEWS ON THE CONFLICT IN RIO GRANDE DO SUL'S PRESS (1865 – 1870)

Kelly Oliveira dos Santos² e Elisabeth Weber Medeiros³

RESUMO

Durante muitos anos, os historiadores brasileiros consideraram a Guerra do Paraguai como uma luta contra um “pérfido ditador” que precisava ser eliminado. Estas posturas, características do final do século XIX, foram revisadas com o decorrer do tempo. Hoje os estudos sobre o conflito platino mostram que, na verdade, as questões que contribuíram para o desencadeamento da guerra estavam na própria dificuldade de formação dos Estados Nacionais da região. O tema ainda carece de muita investigação, principalmente se formos olhar a participação gaúcha no conflito, considerando que o contingente militar foi um dos mais expressivos e ativos na guerra. O estudo visa trazer a luz como os jornais trataram a questão na época, podendo contribuir para o conhecimento das idéias sobre o conflito naquele momento, como ocorreu a construção do imaginário gaúcho sobre a guerra e, portanto, sua aceitação pela sociedade riograndense. A pesquisa utilizou artigos de jornais em circulação na época selecionada, que se encontram no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, de Porto Alegre. Foram analisadas as notícias veiculadas sobre a guerra e as imagens construídas sobre a mesma, utilizando fontes secundárias existentes, para realizar as análises e discussões teóricas pertinentes, considerando, principalmente, o envolvimento do Estado do Rio Grande do Sul na guerra. A pesquisa demonstrou que a imprensa riograndense veiculava as idéias patrioteiras da época, com tendência a justificar o conflito e a defesa da Pátria, tratando o soldado como herói, principalmente os líderes militares.

Palavras-chave: Guerra do Paraguai, imprensa riograndense, imagens.

ABSTRACT

For many years, Brazilian historians considered the Paraguay war as a fight against a “terrible dictator” that had to be eliminated. These postures,

¹ Projeto de Iniciação Científica - PROBIC.

² Acadêmica do Curso de História - UNIFRA.

³ Orientadora - UNIFRA. E-mail: eweber@unifra.br

characteristic of the end of the nineteenth century were revived as time passed. Today the studies about this conflict show that, in fact, the matters that triggered the war were in the difficulty of forming the National States of the region. The theme still needs many investigations, mainly if we look at the “gaúcha” participation in the conflict, considering that the military contingent was one of the most expressive and active in the war. The study aims to bring out the form the newspapers treated the matter at that time, which may contribute with the knowledge of the ideas about the conflict at that moment, how the “gaúcho” imaginary was built about the war and therefore its acceptance by the society of Rio Grande do Sul. The research used articles of newspapers that circulated at the selected time which can be found at the “Museu de comunicação Social Hipólito José da Costa” in Porto Alegre. News conveyed about the war and the images built about it were also analyzed, using existing secondary sources to realize the pertinent analysis and theoretical discussions, considering, mainly, the involvement of Rio Grande do Sul in the war. The research showed that the press of Rio Grande do Sul conveyed patriotic ideas of the time, with a tendency to justify the conflict and defense of the homeland, treating soldiers as heroes, mainly the military leaders.

Keywords: Paraguay War, Rio Grande do Sul press, images.

INTRODUÇÃO

A Guerra do Paraguai se constitui um dos eventos mais importantes ocorridos na região platina no século XIX, porém ainda é, com certeza, um dos capítulos ainda carentes de uma investigação mais profunda. As interpretações sobre o conflito oscilam entre um sentimento ufanista, que exalta a bravura dos exércitos, para aqueles que entendem a participação dos aliados como um braço armado do imperialismo inglês, e os que defendem uma linha explicativa mais atual, buscando nas relações entre os Estados Platinos e na instabilidade política da região a justificativa para a luta.

A relevância do tema justifica-se pelo impacto que o conflito exerceu na sociedade riograndense, considerando o grande número de soldados gaúchos que participaram dos combates.

A questão fundamental do trabalho foi investigar como os jornais gaúchos, em circulação na época, noticiaram o evento e de que forma contribuíram para justificar e legitimar o conflito. Para tanto, foram utilizados artigos e registros de jornais em circulação na época, 1865 a 1870, que fazem parte do acervo do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, de Porto Alegre. Foram analisadas as notícias veiculadas sobre a guerra e as imagens construídas sobre ela, utilizando, também, fontes historiográficas existentes, para realizar as análises e discussões teóricas

pertinentes, considerando, principalmente, o envolvimento do Estado do Rio Grande do Sul na guerra. A utilização de apenas dois periódicos, *A Reforma e A Sentinela do Sul*, deve-se a inexistência de outros jornais no referido acervo. Como fontes historiográficas foram utilizadas, principalmente as obras de Fernando Doratioto (2002), que possui uma vasta pesquisa sobre o assunto, Alfredo da Mota Menezes (1998), Francisco Rüdiger (2003), entre outros.

O trabalho foi dividido em partes que permitem o entendimento do objeto da pesquisa. Na primeira parte destaca-se a importância da Guerra do Paraguai, realizando um breve histórico das relações entre os países platinos no século XIX, apontando as divergências e pontos de atrito, assim como também uma rápida síntese dos principais momentos da guerra. A seguir, é feita uma abordagem sobre a imprensa da época, principalmente no Rio Grande do Sul, apontando suas principais características. Após, são destacados artigos, esboços, fotos e outros documentos que foram registrados nos periódicos do período pesquisado. Como parte final são tecidas algumas considerações sobre o tema investigado.

A GUERRA DO PARAGUAI E A REGIÃO PLATINA

A Guerra do Paraguai, ou a Guerra da Tríplice Aliança, não pode ser entendida fora do contexto mundial da época e da história dos países platinos. No início do século XIX, a França de Napoleão governava a Europa e no mundo Hispano-Americano ocorriam os movimentos de independência e o conseqüente surgimento das repúblicas. O Vice-Reinado do Prata, com sede em Buenos Aires destacava-se como maior centro comercial da região e foi nesse espaço que se construiu o ideal de independência.

Um dos motivos que contribuiu para o desencadeamento da Guerra do Paraguai gestou-se no decorrer do processo de Independência e consolidação dos países da região do Prata. Como a sede do antigo Vice-Reinado era centralizada em Buenos Aires, logo, a Argentina detinha algum controle econômico sobre esses países, posicionando-se, portanto, contra a fragmentação das repúblicas, porque afetaria diretamente sua situação econômica. Outros motivos que conseqüentemente, insuflaram os conflitos no Prata foram as questões de fronteiras, a navegação dos rios e os interesses comerciais (MENEZES, 1998).

Portanto, a Guerra do Paraguai, o maior conflito platino do século XIX, terá sua origem nos problemas políticos e econômicos que irão afetar a região platina no período posterior ao processo de consolidação das repúblicas, resultante do desmembramento do Vice-Reinado do Prata.

Doratioto (2002) aponta o isolacionismo paraguaio até a década de 1840 e sua abertura posterior ao contexto internacional como resultantes da complicada política platina na época, geradora de futuros desentendimentos entre os Estados Nacionais.

Existia, por parte do governo de Buenos Aires, um desejo de unir novamente as antigas províncias do Vice-Reinado do Prata, porém não foi concretizado em função dos acontecimentos que envolveram Montevidéu e Assunção durante o processo de Independência. Após 1817, quando a Banda Oriental libertou-se da Espanha, ficou sob o domínio do Brasil. No entanto, essa aproximação com o Império não era bem vista pelos argentinos.

A evolução política do Paraguai é decorrente dessa política. Ressalta-se que, no governo de Francia, a posição isolacionista em relação às lutas platinas possibilitou o fortalecimento interno do Estado paraguaio, visto que naquele momento ele torna-se regulador de todas as atividades. Após a morte de Francia, o Congresso elegeu como presidente da República Paraguaia Carlos Antonio Lopes que resolveu contrariar a política anterior. Terminou com o isolamento, partindo para a abertura do comércio com o exterior.

Com o afastamento de Rosas, presidente argentino, o Paraguai consegue um acordo de livre navegação no rio Paraná o que possibilitou o crescimento de sua economia.

O filho de Carlos Antonio Lopes, Solano Lopes era chefe militar e foi enviado à Europa como plenipotenciário para compras de armamentos e estabelecer contatos comerciais. Resolve então levar ao Paraguai, além de armamentos, tecnologia e profissionais que pudessem trabalhar e ensinar certas práticas à mão-de-obra paraguaia com o intuito de modernizar a economia. Logo chegamos ao ponto em que podemos contrariar a idéia que o Paraguai se desenvolveu e cresceu dentro de seu país, ele cresceu com ajuda de tecnologia inglesa que era a mais desenvolvida da época (DORATIOTO, 2002).

Em 1828, quando o Uruguai consegue sua independência através da pressão feita pela Inglaterra, torna-se um estado-tampão entre Argentina e Brasil. Esses países entraram em guerras civis e discórdias internacionais pelo domínio do Uruguai. Buenos Aires, como centro comercial acreditava que o Uruguai devia continuar sob sua influência, também achava que o Paraguai devia continuar como uma província Argentina. O Paraguai, porém, opta pela sua própria independência e pelo isolacionismo como forma de defesa. É um país com grandes dificuldades, considerando que está localizado longe do mar, situação que dificulta o desenvolvimento dos

transportes e do comércio.

Já a Argentina, após a independência, passa por momentos de lutas políticas internas, unitários ou centralistas de um lado e federalista ou autonomistas do outro. Mais tarde em 1835, Rosas chega ao poder argentino, governando por um longo período de acordo com feitos de perseguições, mortes, lances políticos e administrativos. Urquiza, governador da província de Entre Rios, em maio de 1851, inicia uma aliança com o Brasil e Uruguai fazendo oposição a Rosas. Segundo Menezes (1998):

Foi preciso buscar alianças até em outros países. O interesse brasileiro na guerra contra Rosas estava no receio da expansão Argentina no rio da Prata. O posicionamento de Rosas com respeito ao Uruguai e ao Paraguai amedrontava o Brasil. Temia-se que numa das investidas, Rosas conseguisse dominar Montevideú podendo estender essa presença em todo o Uruguai e aí o antigo sonho de reconstruir o Vice-Reinado do Prata poderia ter início (p. 10-11).

No início da década de 1860 aconteciam fatos importantes no Prata. Um era a presença de Mitre no governo argentino, outro era a ascensão de Solano Lopes no governo paraguaio e o terceiro fato era a destrutiva guerra civil no Uruguai entre Blancos e Colorados. A respeito desse país, Menezes (1998) comenta:

O Uruguai quase sempre atuou de forma pragmática. Um país pequeno, localizado na região mais rica e importante da América do Sul, teve por diversas vezes ameaçada sua vida como nação. Nas diferentes situações entregou-se à proteção da Argentina ou do Brasil, da França ou da Inglaterra. Não dando certo, fará uma tentativa de união com o Paraguai de Solano Lopes (p. 15).

Brasil e Argentina que, por muito tempo disputaram a posse do governo uruguaio, não irão conseguir esse intento. Por outro lado, o Brasil sempre quis firmar um tratado de absoluta liberdade de navegação no alto Paraguai com intenção de ajudar no acesso a sua província de Mato Grosso. O Império e o Paraguai até concordavam, porém, queriam assinar uma aliança global, inclusive a respeito de fronteiras.

Em 1853, a relação de Carlos Antonio Lopes com o representante diplomático brasileiro foi tornando-se conflituosa, até que o expulsaram de Assunção. Assim, no Brasil, não era de boas relações com o Paraguai. O ministro das Relações Exteriores do Brasil, Paulino Soares de Souza, afirmava que somente uma guerra poderia resolver as desavenças com o Paraguai.

O Brasil, em 1855, mandara uma esquadra comandada por Pedro Ferreira de Oliveira com o intuito de fazer com que o governo paraguaio aceitasse um tratado de navegação no rio Paraguai. A atuação do diplomata

brasileiro foi um fracasso. Em 1856, Jose Berges, representante do governo guarani, vai ao Rio de Janeiro a mando de Carlos Antonio Lopes para tentar chegar a um acordo com o Brasil, referente a assuntos de fronteira e navegação. Porém, Carlos Antonio Lopes não aprovou a protelação por seis anos das questões relativas a fronteiras, mostrando sua revolta com a situação proposta pelo Império.

No mesmo ano usou de recursos que deixaram o governo brasileiro aborrecido, publicando um decreto, no qual determinava que todos os barcos estrangeiros deveriam ter um piloto paraguaio a bordo, desde Assunção até o porto do Mato Grosso. A segunda medida foi cobrar impostos sobre os barcos que fossem para o Mato Grosso e que deveriam também parar em vários portos para serem revistados e pagar uma taxa. O Paraguai agindo dessa maneira deixa claro que queria resolver seus problemas de fronteiras.

No segundo semestre de 1857 o Brasil mandou ao Paraguai, Silva Paranhos com o intuito de resolver as questões entre os dois países. O assunto tinha de ser resolvido e o governo colocou no jogo seu diplomata de maior mérito. Silva Paranhos, antes de chegar a Assunção, estabelece conversações com Justo Jose Urquiza, presidente da Confederação Argentina, e assinam um acordo sobre livre navegação nos rios Paraná, Uruguai e Paraguai. No ano anterior o Império já havia assinado um acordo com André Lamas, representante do Uruguai no Brasil, nos mesmos moldes do tratado assinado por Urquiza (MENEZES, 1998).

Entre alianças e acordos o Paraguai ficou numa situação delicada, pois não poderia ficar contra os países da área platina. Posteriormente, um novo tratado relativo à navegação dos rios foi assinado por Paranhos e o Paraguai, onde novamente a situação fronteiriça é postergada. Em setembro de 1862 morre Carlos Antonio Lopes; assume seu filho Francisco Solano Lopes e a partir daí, as coisas tomarão rumos distintos onde o Paraguai buscará um espaço maior na política regional. Solano Lopez buscou uma participação mais ativa nos acontecimentos platinos, apoiando o governo uruguaio, hostilizado pelos argentinos e brasileiros, colidindo com os seus vizinhos platinos (DORATIOTO, 2002).

Percebemos assim que a história da região platina, desde o processo de independência até as vésperas da Guerra do Paraguai foi construída através de indefinições políticas entre vizinhos e também no interior dos próprios países. A guerra foi edificada através de conflitos decorrentes de questões relacionadas à navegação entre os principais rios, pela indefinição na demarcação de fronteiras e também de questões relativas ao comércio na região. Estas questões iniciam no período de construção e consolidação dos

Estados Nacionais e finalizam com disputas, acordos não cumpridos, enfim, questões econômicas e políticas.

Conforme Doratioto (2002)

A guerra era uma das opções possíveis, que acabou por se concretizar, uma vez que interessava a todos os Estados envolvidos. Seus governantes tendo por base informações parciais ou falsas do contexto platino e do inimigo potencial anteviram um conflito rápido, no qual seus objetivos seriam alcançados com o menor custo possível (p. 93).

A guerra que inicia em 1865, pode ser dividida, segundo Bethell (1995), em três fases: 1) Na primeira fase que se prolonga até 1866, teremos a ofensiva paraguaia contra Mato Grosso, Corrientes e Rio Grande do Sul, a rendição dos paraguaios em Uruguaiana e o conseqüente recuo para seu território; nessa fase ocorre à batalha do Riachuelo, importante batalha naval da guerra onde a marinha paraguaia foi destruída e instalou-se um bloqueio à nação guarani pelos aliados. 2) A segunda e mais importante inicia com a invasão do território paraguaio, envolve um ciclo de grandes batalhas como Tuiuti, Curupaiti, tomada de Humaitá (1868), Lomas Valentinas e finalmente a tomada de Assunção. 3) Na terceira fase da guerra ocorre a reconstituição do exército paraguaio por Lopez na cordilheira Leste, porém é derrotado na batalha de Acosta Nu ou Campo Grande; consegue fugir novamente e finalmente é preso e morto em Cerro Corá, em 1º de março de 1870.

O prolongamento da guerra por um período tão longo explica-se pelas enormes dificuldades enfrentadas, principalmente pelo Império, em termos logísticos, devido as grandes distâncias e necessidades de abastecimentos de um grande contingente militar. Um dos maiores obstáculos foi à existência de fortes defesas terrestres e fluviais em território paraguaio, aliado aos problemas de estratégia e tática por parte dos aliados, somando a grande resistência das tropas paraguaias, o que tornou a guerra mais dolorosa e sangrenta.

A IMPRENSA RIOGRANDENSE NA ÉPOCA

O jornalismo do século XIX caracterizou-se pela escrita literária e política, esta última evidenciando uma tendência político-partidário. No Rio Grande do Sul o jornalismo apresenta-se, nesse período, como um órgão onde, segundo Rüdiger (2003) “[...] a classe política transformou a imprensa em agente orgânico da vida partidária” (p. 35).

Nesse contexto, muitos tipógrafos passam a ocupar cargos políticos e muitos partidos políticos passam a ter os seus próprios veículos de

comunicação. Ser proprietário de jornal é sinônimo de ascensão política e possibilidade de participação no mundo de relações e interesses políticos.

Dessa forma, o jornalismo tornou-se um veículo de formação da opinião pública, contexto que permite definir o papel essencialmente opinativo dos jornais e sua respectiva função de organizador da doutrina e da opinião dos partidos na sociedade civil. Esse caráter opinativo dos jornais possibilitava aos jornalistas transmitir, de forma criteriosa, a ideologia dos partidos e direcionar a opinião pública (RÜDIGUER, 2003). O período da Guerra do Paraguai foi um terreno fértil para disseminação de idéias e opiniões.

A partir de 1860, com o desenvolvimento de tecnologias que possibilitaram o melhoramento da qualidade gráfica, houve aumento de tiragens nas edições dos jornais, dando-lhe um formato moderno. Por outro lado, ainda era um veículo de comunicação com dificuldades de sustentabilidade, haja vista o baixo nível escolar⁴ e poder aquisitivo da população.

Considerando esses fatores, segundo Rüdiger (2003) “[...] o lançamento de jornais não visava o lucro mercantil, mas a doutrinação da opinião pública” (p. 39). O Jornal *A Reforma*, fundado em 1869, em Porto Alegre, órgão do Partido Liberal, irá atuar por muitos anos no cenário político do Rio Grande do Sul. O Jornal surge como um dos que evidencia essa postura, caracterizando-se como um folheto doutrinário que não oferece espaço para temas de interesse pessoal, tendo como objetivo “[...] refletir sobre as questões afetas ao modo de ver político e administrativo e ao complexo de organização social” (p. 41). *A Reforma* foi fundado por liberais que defendiam alterações na ordem política vigente no país, combatendo o governo conservador e elaborando críticas ao regime. Entre suas bandeiras de luta pode ser citada a reforma eleitoral, a reforma judiciária, a abolição do recrutamento militar e da Guarda Nacional e abolição da escravatura. O jornal opositor era *O Riograndense*, pertencente ao Partido Conservador, fundado em 1866, mantendo um debate permanente com o opositor *A Reforma* (BAUMGARTN, 1982).

Ao lado desses jornais, circularam muitos outros no interior da Província, durante esse período, principalmente, em Rio Grande, São Gabriel e Pelotas.

No século XIX as inovações técnicas permitiram o uso da gravura e da caricatura na imprensa, possibilitando uma crítica mais contundente, ampliando sua influência na sociedade. Como exemplo de imprensa caricata, pode ser citado o semanário *A Sentinela do Sul* onde podemos encontrar

⁴ O primeiro recenseamento da história brasileira, datado de 1872, mostra um índice de apenas 15,755 de alfabetização nos 9.930.478 habitantes (RÜDIGUER, 2003).

retratos de pessoas da sociedade riograndense e, em especial, de militares que atuaram na Guerra do Paraguai contra Solano Lopez (DAMASCENO, 1962). Uma das charges é a intitulada *La Mejor Bateria Del Mariscal*, onde é feita uma crítica à atuação de Solano Lopez na guerra e o papel da Madame Linch. O semanário, porém, possuía um tom moderador e sátiras desse estilo são esporádicas. Segundo Damasceno (1962), “Em várias ocasiões, aliás, já tem sido registrado pelos nossos historiadores o alto grau de calor que abrasaria com muita freqüência o periodismo gaúcho de oitocentos [...]” (p. 19).

Toral (2001) lembra que

A Guerra do Paraguai foi a primeira, na imprensa sul-americana, a receber uma cobertura visual. E mais: a litografia permitia rápida elaboração de desenhos ou a cópia de fotografias, daguerreótipos e pinturas. As imagens assim reproduzidas atingiam um público que não tinham acesso a museus, ateliês ou a estúdios fotográficos e seus produtos. Esta foi, sem dúvida, a razão do sucesso da imprensa ilustrada durante a guerra (p. 57).

Ainda conforme Toral (2001), a imprensa ilustrada da época apresentava algumas características “A maioria deles era publicado em formato aproximadamente tablóide, com quatro a oito páginas” (p. 57). Como afirma o mesmo autor, o interesse do público pelas imagens da guerra era tanto que surgiram, na época, publicações especializadas no Brasil e no Paraguai.

O Estado possuía uma série de jornais noticiosos, na maioria, vinculados aos partidos políticos, embora já se utilizasse o anúncio comercial para a sua manutenção (BAUMGARTN, 1982). Os jornais eram de distribuição diária, caracterizavam-se pela presença de notícias a respeito da política riograndense e brasileira. Apresentavam artigos ligados à historiografia, bem como notícias de acontecimentos estrangeiros.

Com a Guerra do Paraguai em curso, a imprensa começaria a refletir as inquietações da sociedade, noticiando os fatos ocorridos na frente de batalha, publicando cenários da guerra e promovendo a formação da opinião pública sobre o conflito. Essas informações, em determinados momentos, exaltam a defesa da pátria, o herói soldado e, em outras ocasiões, promovem a crítica ao Império pela forma de condução do conflito.

Considera-se também essa época um período de independência dos jornais brasileiros, onde os caricaturistas gozaram da mais ampla liberdade, apresentando o Imperador D. Pedro II e políticos proeminentes sob aspectos mais irreverentes (SILVEIRA, 1996).

AS IMAGENS CONSTRUÍDAS PELA IMPRENSA

O período do desenrolar da Guerra do Paraguai pertenceu a um contexto marcado pela dificuldade de comunicação à longa distância, as notícias, porém, chegavam do teatro de guerra, trazidas ao Brasil através de esboços, fotografias ou telegramas e logo eram expostas nos periódicos que circulavam nas capitais do Império (Figuras 1 e 2). Os cenários do conflito eram descritos pela imprensa para que a população tivesse uma idéia do que acontecia no distante país guarani e, além disso, os acampamentos das tropas podiam ser mostrados nesses documentos.



Figura 1. Vistas do Theatro de Guerra (Photographia de Erdmam e Catermole).

Fonte: *A Sentinela do Sul*, de 16.02.1868.

Os esboços apresentados tinham como objetivo informar a população sobre as condições em que viviam as tropas enviadas, bem como sinalizar as posições que ainda estavam em poder dos paraguaios. Dessa forma, os leitores, ainda que em parcela reduzida, poderiam fazer o acompanhamento dos acontecimentos e a sociedade tinha uma visão alternativa da realidade do conflito⁵.

As publicações também procuravam satirizar as diferenças entre os aliados e dessa forma lembravam os velhos conflitos que sempre estiveram presentes nas relações entre os países do Prata (Figura 3).

⁵ As publicações ilustradas, uma inovação tecnológica da época, apresentaram uma radical transformação na apresentação gráfica dos jornais que chegava à população.

As notícias do teatro da guerra tendiam a compor um cenário favorável às tropas aliadas como mostra o documento do Jornal *A Sentinela do Sul* (Figura 4), que apresenta um diálogo entre o editor e um suposto personagem criado pela edição.

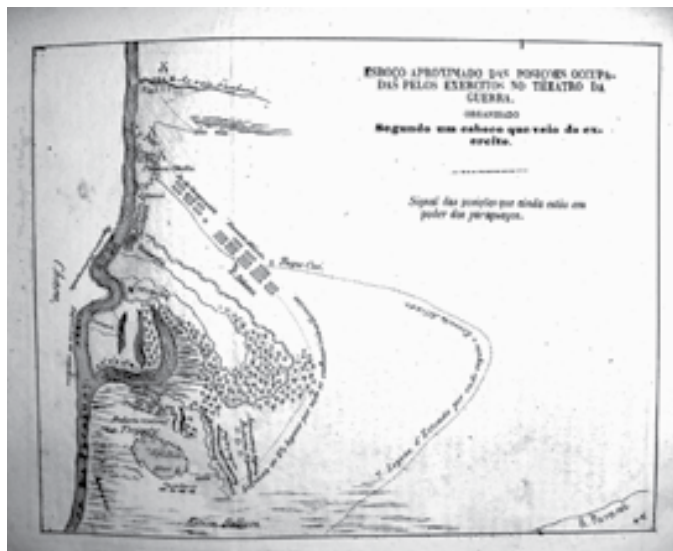


Figura 2. Esboço aproximado das posições ocupadas pelos exércitos no Theatro de guerra.

Fonte: *A Sentinela do Sul*, de 20.02.1868.

Podemos observar no diálogo registrado no jornal *A Sentinela do Sul*, como a veiculação de algumas notícias tinha por base documentos vindos do teatro de guerra. Outra publicação refere-se à batalha de Tuiuti, que iniciou no amanhecer de 24 de maio de 1866, no acampamento das tropas aliadas, que foi tomado pela fumaça das bombas incendiárias, foguetes e



Figura 3. Brasil, Uruguai e Argentina são amigos no Paraguai.

Fonte: *A Sentinela do Sul*, de 03.05.1868.

canhões. A batalha foi um ataque surpresa que se tornou o maior confronto entre as tropas aliadas e guaranis.

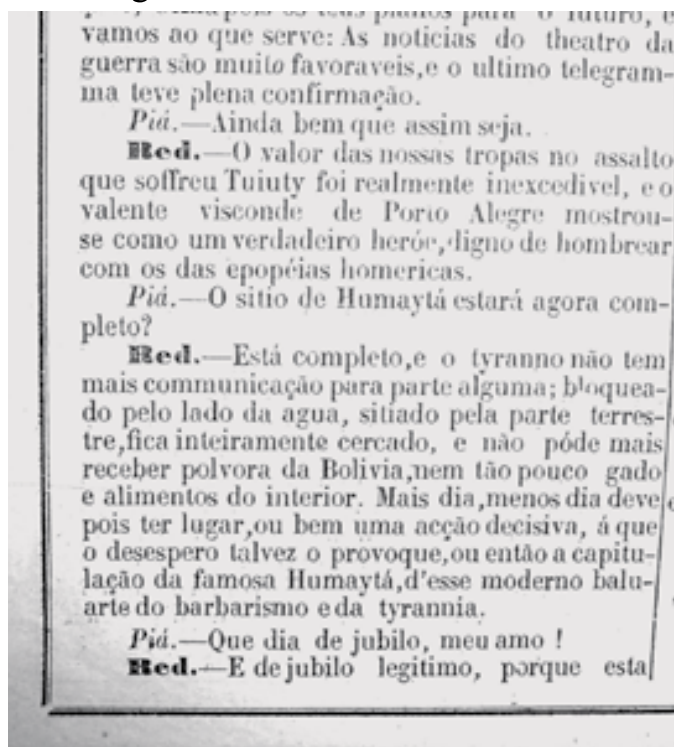


Figura 4. Fragmento de diálogo sobre a situação da guerra.

Fonte: *A Sentinela do Sul*, de 03.05.1868.

O mito do herói nacional – o valente soldado - obteve nos jornais um amplo espaço como mecanismo legitimador do conflito. Destacamos a figura do Visconde de Porto Alegre, amplamente citado nos jornais, considerado como um valente soldado em função de suas ações nas batalhas. Outros tantos, que enfrentaram as duras condições do *front* de guerra, foram exaltados através da imprensa da época, sendo considerados heróis e defensores da pátria ultrajada.

Essas questões encontram-se registradas nos artigos publicados no jornal *A Reforma*, veículo editado em Porto Alegre e um dos maiores formadores de opinião da época. Nos inúmeros registros pode ser observado um conteúdo patrioteiro, justificador e legitimador do conflito. Sempre a exaltar a pátria e tentando tornar o soldado que participa da guerra um herói. Podem ser destacados inúmeros fragmentos:

Dizimados pelo tributo de sangue que pagão em tão larga escala, repellidos [...] os rio-grandenses não esquecem um momento seus deveres de cidadãos, resignados sofrem pela pátria, e com a pátria exultão, quando victorioso e ovante tremula o estandarte brasileiro. Abre as ostes abatidas so inimigo (...). Eil-a, essa cavalaria invejada pela velha Europa, em cujas filas Garibaldi aprendeu a ser heróe, eil-os, esses generais provecos,

filhos da província, que os melhores louros colherão nos combates do Paraguay (A Reforma, 23.09.1869).

Fica evidente, através dessa forma de veiculação o objetivo em formar idéias e opiniões, na tentativa de influenciar o imaginário social sobre a guerra.

Os jornais da época também publicavam resumos informativos sobre os fatos heróicos dos soldados rio-grandenses, bem como biografias principalmente de militares que se destacavam no campo de batalha (Figura 5).

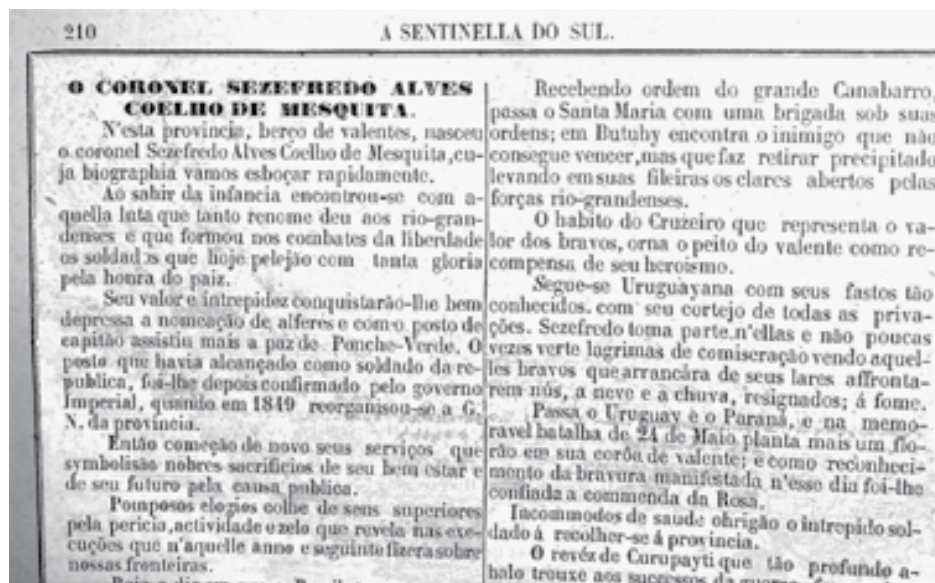


Figura 5. Biografia do Coronel Sezefredo Alves Coelho de Mesquita enumerando os sacrifícios feitos pela pátria.

Fonte: *A Sentinella do Sul*, de 29.12.1867.

Em uma das edições do Jornal *A Sentinella do Sul* é registrada a história do soldado herói que mesmo com seu filho morto, não interrompe a luta. As notícias trazem, ao mesmo tempo, uma propaganda exaltadora da guerra onde o conflito está acima de qualquer sentimento, mesmo o paterno. A consciência de defensor da pátria, de cidadão herói é considerada o valor maior, nada mais importa a não ser defender a pátria (Figura 6). Desta forma, narrativas de feitos heróicos foram utilizadas para direcionar o sentimento da população em relação ao conflito, possibilitando não só a aceitação, mas também um maior recrutamento.

Em outras ocasiões os jornais elaboravam críticas referentes às baixas nas tropas na frente de batalha, figura 7, lembrando o grande contingente de soldados rio-grandenses que se encontrava em luta no país guarani, demonstrando uma crescente insatisfação pela prorrogação indefinida da guerra.



Figura 6. Luiz Antônio de Vargas salvando a bandeira do seu batalhão, no combate de São Borja, em 10 de janeiro de 1865.

Fonte: *A Sentinela do Sul*, de 25.08.1867.

As charges e caricaturas, utilizadas pela imprensa a partir da primeira metade do século XIX, era um recurso que possibilitava a crítica e a expressão de ideologias frente ao conflito. A charge, figura 8, retirada do periódico *A Sentinela do Sul*, descreve o cenário de guerra, demonstrando posições ocupadas pelos envolvidos no conflito, no espaço geográfico marcado pelo Rio Paraguai, observando-se, em terra, Solano Lopes, cercado e, ao redor, as tropas aliadas. A charge demonstra também as condições em que se encontravam as tropas e como Solano Lopes perdeu o combate em Humaytá.

As charges também serviram para disseminar um sentimento anti-lopista na sociedade riograndense. Nelas era destacada a figura de Solano Lopez como um “tirano” assim como também o papel da Madame Lynch, sua companheira, figura 9. Essa imagem de barbarismo paraguaio foi sedimentada no imaginário coletivo da época, como forma de manter vivo o sentimento patriótico por tão longo tempo. A civilização era algo inerente aos aliados enquanto que o “tirano sanguinário” era Solano Lopez, criando assim uma imagem – embora deformada – do inimigo, o que evidenciava uma propositada visão tendenciosa que favorecia aos aliados e que teve efeitos danosos para os paraguaios.

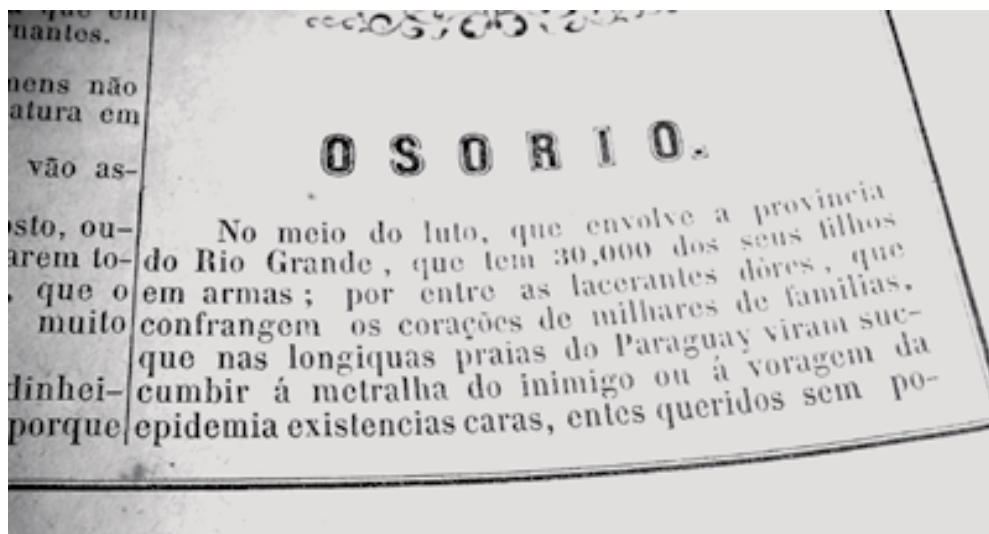


Figura 7. Guerra do Paraguay – o luto que envolveu o Rio-Grande.
Fonte: *A Reforma*, de 23.09.1869.



Figura 8. Posições dos exércitos aliado e guarani no conflito.
Fonte: *A Sentinela do Sul*, de 03.11.1867.



Figura 9. Madame Linch e Solano Lopez.

Fonte: *A Sentinela do Sul*, de 12.04.1968.

Observa-se, na charge publicada, a ironia dos rio-grandenses com relação a Solano Lopes. A imprensa satírica foi eficaz como um instrumento mobilizador das camadas populares. Por outro lado, as forças aliadas não ficaram imunes às críticas dos periódicos da época (Figura 10). Alguns jornais publicavam charges paraguaias, do jornal ilustrado *Cabichuy Passo-Pacú*, relacionadas ao comando dos aliados, na verdade, alcançavam uma dupla finalidade, ridicularizar a imprensa guarani e evidenciar as fragilidades aliadas.

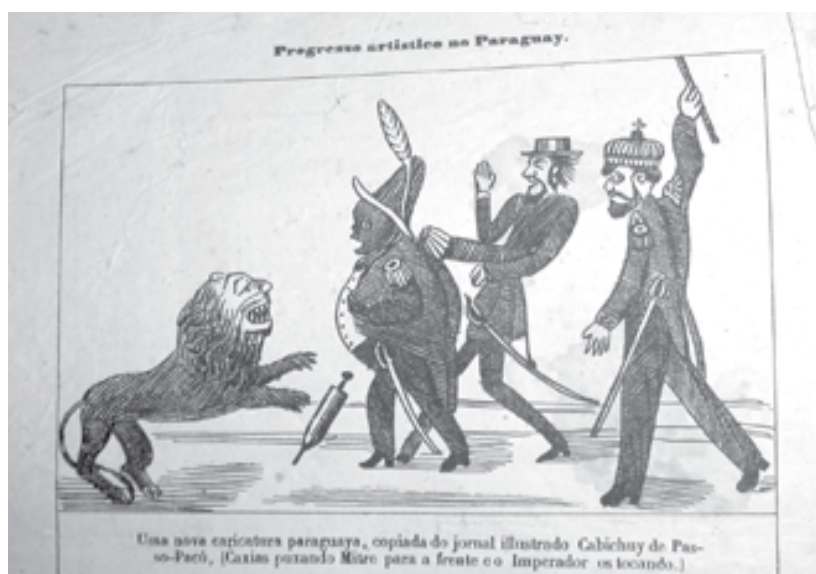


Figura 10. Caxias empurrando Mitre para frente e o Imperador tocando-os.

Fonte: *A Sentinela do Sul*, de 03.09.1867.

As caricaturas, com sua forma irreverente de abordar os fatos, exercem uma influência na construção do imaginário coletivo. A ridicularização da figura de Lopez será um dos aspectos mais recorrentes da imprensa da época, mecanismo manipulador para a justificação do conflito (Figura 11).



Figura 11. Banquete paraguayo.

Fonte: *A Sentinela do Sul*, de 29.03.1868.

As imagens construídas pela imprensa possibilitam uma análise positiva da guerra, apresentando, a todo instante a preocupação em defender a pátria invadida. A partir disso, é utilizado seu poder de convencimento da população para que ela lute pela nação, ou seja, cria um sentimento patriótico onde a guerra é defendida na medida em que é exaltada, glorificada e justificada. Para tanto, os momentos de vitória eram utilizados como sustentação do sentimento patriótico (Figura 12).

A mobilização militar brasileira para enfrentar o Paraguai foi árdua, pois o serviço militar, na primeira metade do século XIX, era considerada uma atividade incômoda que desclassificava o indivíduo, tornando-o, portanto, mal-visto pela sociedade⁶. O soldado era discriminado pela forma de vida que levava no quartel, onde as condições de acomodação, alimentação e remuneração eram extremamente precárias. Assim, o governo Imperial se obrigou, em 1848, a criar o Voluntariado do Exército, com duração de 6 anos⁷. A partir de 1862 ampliou-se o recrutamento da Guarda Nacional, passando a serem alistados todos os cidadãos maiores de 18 anos, independente de renda. Com a dificuldade de formação da Guarda Nacional o governo

⁶ Sobre as formas de recrutamento no século XVIII e início do século XIX ver Castro; et al. (2004).

⁷ Desde o início do Império já existia a categoria de voluntários para repor anualmente o efetivo do Exército (CASTRO et al., 2004).

resolveu, em 7 de janeiro de 1865, criar os corpos de Voluntários da Pátria. Estes podiam alistar-se entre 18 até 50 anos para servir ao exército e ainda iriam ganhar o soldo normal de soldado regular e mais uma gratificação de 300mil réis após o término da guerra. O soldado também receberia promoções por bravura, meio soldo por invalidez e, em caso de morte, pensão nesse valor, para herdeiro indicado à vontade (DORATIOTO, 2002).



Figura 12. A vitória de Humaytá e Assumpção.

Fonte: *A Sentinela do Sul*, 05.03.1868.

O jornal *A Reforma*, de forte conteúdo oposicionista, no final do conflito, mostra o quanto o governo imperial foi criticado pela sociedade. A imprensa, dessa forma, será um instrumento de crítica à política oficial. A prorrogação do conflito e o não cumprimento das promessas feitas aos soldados pelo governo provocaram indignação nos setores mais carentes da população – e também nos que em massa foram encaminhados para a luta. Este fato pode ser complementado com as afirmações de Doratioto (2002) sobre a formação dos voluntários, ou seja, o governo fez o que pode para chamar a atenção dos homens de 18 a 50 anos convocando-os para a luta, prometendo benefícios que não foram cumpridos, gerando um sentimento de revolta na população. Essas questões podem ser comprovadas com o conteúdo existente em diferentes artigos registrados na imprensa (Figuras 13 e 14).

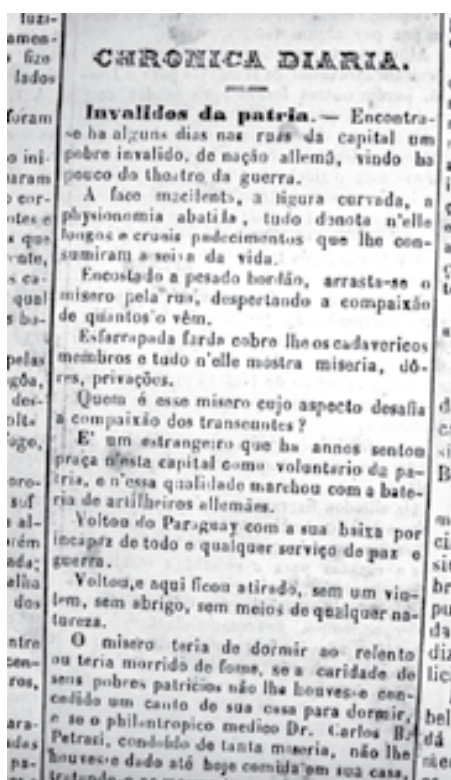


Figura 13. Crônica diária sobre os inválidos da Pátria.

Fonte: *A Reforma*, 11.01.1870.

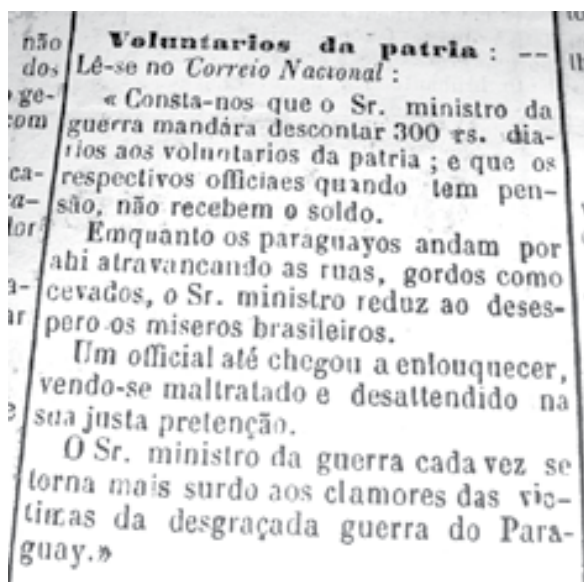


Figura 14. Relata a situação dos voluntários da Pátria no final da guerra.

Fonte: *A Reforma*, de 16.01.1870.

Até os dias atuais questionam-se as perdas humanas no conflito paraguaio, diante da versão mais conhecida podemos dizer que entre os motivos mais apontados destacam-se as rudezas do clima, as enfermidades

e, conseqüentemente os atos do conflito armado. Através dos censos oficiais, realizados nos anos de 1857 e 1886, conclui-se que as perdas paraguaias, na guerra, atingiram mais de 70% da população onde a mortandade masculina teria alcançado cerca de 99%. Do lado dos aliados, as perdas também foram significativas e esse detalhe não passou imune às charges da época.

Conforme Doratioto (2002),

O Brasil enviou para a guerra cerca de 139 mil homens, dos quais uns 50 mil morreram. Destes a maior parte não pereceu em combate, mas, sim, devido a doenças e aos rigores do clima. Entre os aliados, o Uruguai enviou por volta de 5500 soldados, dos quais, no final da guerra, restavam uns quinhentos, os demais morreram em combate, de doenças ou desertaram. As tropas argentinas sofreram perdas em torno de 18 mil homens, entre mortos e feridos, dos pouco menos de 30 mil soldados que a Argentina enviou ao Paraguai (p. 483).

Através da imprensa da época, repleta de limitações, porém com alguns avanços significativos, a guerra não só pode ser construída e acompanhada através de notícias, esboços e imagens, como também pode ser justificada e legitimada. Seu aspecto sangrento e cruel era compensado com o sentimento patrioteiro disseminado pelos periódicos que narravam os feitos heróicos e destacavam a ação dos militares no combate. Sua continuidade, porém, ensejou críticas ao Império pela forma como os contingentes militares vindos dos campos de batalha foram tratados, com a falta de cumprimento de promessas e a desvalorização do desempenho em combate. Estes fatos irão ocasionar sérios problemas ao governo imperial num futuro próximo. A questão militar já ensaiava os seus primeiros passos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Guerra do Paraguai reservou aos Estados Platinos, no final do século XIX, um longo período de luta e instabilidade, num contexto onde as comunicações de longa distância eram precárias. As notícias chegavam com atraso, devido às longas distâncias e eram trazidas através de documentos como fotos, esboços ou telegramas.

No Rio Grande do Sul, a maioria dos jornais da época, estava vinculada a partidos políticos. A imprensa, com um melhor padrão de qualidade, decorrente de inovações técnicas passou a utilizar essa documentação para fornecer à população as informações do que acontecia na frente de batalha, criando uma imagem do conflito, tornando-se um veículo de formação da opinião pública.

O cenário de guerra apresentado pelos jornais procurava construir uma imagem positiva do conflito, mantendo um clima de otimismo entre as tropas e a sociedade.

Na visão divulgada pela imprensa sobre a Guerra do Paraguai, a exaltação do herói, do valente soldado, foi um mecanismo utilizado para legitimar e justificar o evento, construindo no imaginário social um sentimento de mobilização e aceitação do conflito. Os relatos de feitos heróicos e as biografias dos “valentes soldados” compunham o cotidiano das notícias. A população presenciava, através da retórica registrada nos jornais, uma guerra justa em defesa da Pátria ultrajada, contra o “tirano” Solano Lopez. Esses mecanismos, muito mais que justificar e convencer criavam o clima para um crescente recrutamento.

Os esboços divulgados pela imprensa informavam a população sobre o andamento da guerra, a posição das tropas e as dificuldades encontradas nos diferentes momentos de luta em território vizinho. As charges e caricaturas eram recursos que expressavam críticas e ideologias frente ao conflito, apresentando um tom irreverente, divulgando o discurso oficial e apresentando o Império e os aliados como combatentes da barbárie.

Por outro lado, as críticas eram constantes no final do conflito, de forma especial em periódicos de forte conteúdo político. A longa duração da guerra e o não cumprimento das promessas feitas aos combatentes pelo governo Imperial, criam um clima de animosidade e indignação entre a população, alimentado pelos artigos que surgiam nos diferentes periódicos.

Considera-se, portanto, que a imprensa riograndense exerceu um importante papel no decorrer da Guerra do Paraguai, ora como justificadora e legitimadora do conflito, mobilizando e formando opiniões, ora ao alimentar críticas ao Império no momento de insatisfação e esgotamento. Esses aspectos caracterizam a imprensa riograndense da época não só como formadora de opiniões, mas também como um mecanismo de influenciou o imaginário da sociedade riograndense na segunda metade do século XIX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. **Literatura e Crítica na Imprensa do Rio Grande do Sul: 1868 a 1880**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1982.

BETHELL, Leslie. A Guerra do Paraguai. História e Historiografia. In: BETHELL, Leslie (Org.) **Guerra do Paraguai - 130 anos depois**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

CASTRO, Celso; IZECKSOHN, Vitor; KRAAY, Hendrik. **Nova história militar brasileira**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

DAMASCENO, Athos. **Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no Século XIX**. Porto Alegre: Editora Globo, 1962.

DORATIOTO, Francisco. **Maldita guerra**. Nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MENEZES, Alfredo da Mota. **Guerra do Paraguai** – como construímos o conflito. São Paulo: Contexto, 1998.

RÜDIGUER, Francisco. **Tendências do Jornalismo**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

SILVEIRA, Mauro César. A batalha de papel: a guerra do Paraguai através da caricatura. Porto Alegre: L&PM, 1996.

TORAL, André. **Imagens em desordem**. A iconografia da Guerra do Paraguai (1864 – 1870). São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

FONTES PRIMÁRIAS:

Jornal **A reforma** – 1867 e 1868.

Semanário **A sentinela do Sul** -1869 e 1870.